

Uma ampla avenida, nada mais do que uma ampla avenida no vazio do Planalto Central. Parece ter sido construída sem propósito, quase não passam carros por ali. Há apenas um homem, que se arrasta pelo asfalto, debaixo de um sol senegalesco. Pior, debaixo do sol de Brasília. Um estrangeiro, tão brasileiro quanto qualquer outra pessoa por estas bandas.

A cena acontece num dos curtas mais famosos da produção local, *Cinco Filmes Estrangeiros*, comédia de José Eduardo Belmonte. Ele praticamente repete o quadro, ruas vazias e solidão, no curta mais recente, o reflexivo *Dez Dias Felizes ou Dez Anos Depois*. “Os dois filmes partem do mesmo princípio, todo mundo aqui é estrangeiro e se sente sozinho.”

Estrelado por dois adolescentes em crise, *Dez Dias Felizes*... tinha que ser feito aqui – assim como o primeiro longa de Belmonte, *Subterrâneos*, que se passa no Conic. “Brasília tem jeito muito impessoal. Há uma melancolia brasileira. No filme, articulei um pensamento em torno disso. Falo de pessoas que têm todo um horizonte na frente, mas não têm nada.”

TRANSFORMAÇÃO

Maria, mulher que se transforma enquanto a cidade onde vive (e que nasceu no mesmo dia que ela) se transforma. Unha e carne. Assim se desenrola o longa *As Vidas de Maria*, ambientado em Brasília e ainda em finalização. A ideia partiu de um paulista, Renato Barbieri. Ele largou sólida carreira em São Paulo para morar em Brasília, pouco mais de três anos atrás. Ele se transforma aqui.

Na cidade, Barbieri realizou um dos seus documentários mais bem-sucedidos, *Atlântico Negro*. Em seguida, surgiram sinais mais evidentes da influência que a capital exerce em seu trabalho: o documentário *A Invenção de Brasília* (sobre a construção) e *As Vidas de Maria*, a primeira incur-

LUZ, HORIZONTE E IDÉIAS

BETSE DE PAULA, JOSÉ EDUARDO BELMONTE, RENATO BARBIERI, RENÉ SAMPAIO, VLADIMIR CARVALHO... OS CINEASTAS RECONHECEM DIFERENTES INFLUÊNCIAS, DAS PESSOAS AO AMBIENTE URBANO

são pela ficção. Ele gostou da sensação. “Ainda dá para contar muitas histórias de Brasília.”

As ideias começaram a surgir com maior frequência na produção de *A Invenção de Brasília*, para o qual entrevistou dezenas de pioneiros. “Como foi criada sob o signo da saga, um épico à moda brasileira, a cidade já nasceu com um caldo cultural muito fértil”, define.

Barbieri veio para ficar, sente-se estimulado em Brasília. “Aqui encontro pessoas extremamente competentes, interessantes. Isso é inspirador. As pessoas daqui são mais abertas. Isso permite a multidisciplinaridade, uma ver-

Jorge Cardoso / 06.04.2001



BELMONTE (E) COM ATORES DO LONGA *SUBTERRÂNEOS*, RODADO NO CONIC

dadeira aventura intelectual”, elogia, de um fôlego só.

INFLUÊNCIAS

Os cineastas reconhecem diferentes influências, das pessoas ao ambiente urbano. Betse de Paula, por exemplo. Uma forasteira-brasiliense que traçou o caminho profissional longe da terra natal. Ela deixou o Rio no início dos anos 90, optou por viver aqui.

“Meus filmes tratam de Brasília, principalmente do encontro de diferentes culturas”, ela afirma, usando como parâmetro o primeiro longa como diretora, a comédia *O Casamento de Louise*.

“O meu humor é carioca, mas é típico da cidade por que acabou sendo herdado pelo brasileiro. O engraçado é que esse humor se misturou com as coisas de Minas, do Nordeste.”

A diretora nem sabe dizer muito bem como a capital determina seu modo de criar, mas não consegue imaginar outro lugar para ambientar os roteiros que escreve. Os personagens são tão brasileiros...

A CIDADE

Como assim, brasileiros? Difícil dizer se analisado de modo isolado. No conjunto, nota-se o choque de estilos – a empregada

doméstica, a profissional da orquestra, o sueco de passagem. E no fundo, a cidade. “Não dou pistas do que é Brasília. A gente que é daqui percebe”, Betse comenta.

De fato, não se trata de uma cidade banal. A começar pela arquitetura modernista e pelo grande vazio entre os prédios. “A impressão que tive era de chegar em outro planeta”, afirmou o astronauta russo Yuri Gagarin, nos anos 60. As impressões de Gagarin não chegam a ser diferentes das do carioca Marcius Barbieri, brasileiro por opção – como todos nesta reportagem.

“Há muito espaço entre as coisas. Os prédios são deitados, as ruas são largas, os prédios são distantes um do outro. Assim procuro trabalhar o espaço. Quase um trabalho radical”, afirma ele, *designer* de profissão e cineasta em início de carreira.

No curta *O Cego Estrangeiro*, não existe imagem, só legendas brancas na tela preta. Marcius acredita que não poderia pensar em algo assim se vivesse em outro lugar. “Este espaço nos faz entrar em contato com nós mesmos. Este diálogo interno me faz criar. Em Brasília é muito fácil se isolar, isso é muito importante para a criação.”

José Eduardo Belmonte concorda. Longe de ser uma metrópole abarrotada, a capital não encontra similares no aspecto tranqüilidade. “Eu me sinto mais instigado em São Paulo ou no Rio, as duas cidades têm muito a oferecer. Aqui, olho mais para o meu interior”, diz em seu espaçoso apartamento na Asa Sul, de frente para generosa área verde. Lugar quase bucólico, na verdade. “Em vez de aproximar, a arquitetura da cidade oprime.”

AS PESSOAS

O mais premiado representante da nova geração, graças ao curta *Sinistro*, René Sampaio não se impressiona pela arquitetura. “Os monumentos não me inspiram nada, e sim as histórias das pessoas. Aqui não existe um sotaque, existem todos. *Sinistro* tem is-

so: um personagem torce para um time de fora, outro torce para o time daqui...” E assim por diante.

Se não chegam a caracterizar com precisão os diferentes tipos brasileiros, os tragicômicos personagens traçados por Afonso Brazza servem ao menos como caricaturas. Recentemente, o cineasta-bombeiro deixou o reduto no Gama para filmar o Plano Piloto, seduzido pelos monumentos e grandes avenidas. Assim fez *No Eixo da Morte*, *Tortura Selvagem – A Grade* e o inédito *Fuga sem Destino*.

Há outro aspecto que não se pode evitar, a política. Daí vem a inspiração do documentarista paraibano Vladimir Carvalho. “É a contradição que me atrai: aqui estão a corte dos privilegiados e o trabalhador injustiçado. Não se faz filme se não existir tensão, e Brasília está cheia de contradições.”

Vladimir veio em 1970. Deveria ficar poucas semanas, para instalar centro de documentários na Universidade de Brasília (UnB). Não voltou mais ao Rio. Aqui desencavou duas excelentes histórias – ou melhor, fatos: o massacre dos operários no acampamento da construtora Pacheco Fernandes, no carnaval de 1959, e a invasão da UnB durante a ditadura militar. Assim nasceram os longas *Conter-râneos Velhos de Guerra* (1991) e *Barra 68* (2000). Dois marcos.

A política também permeia *Nave Cabine do Avião*, projeto de curta que Marcius Barbieri guarda na mente há anos. O roteiro prevê o encontro entre um gari delirante e o Presidente da República. “O gari trabalha a poucos metros do Palácio da Alvorada (na Praça dos Três Poderes), mas está a milhares de anos luz do Poder. Tão perto, tão longe”, define.

Marcius quer explorar outro elemento marcante aqui, a luminosidade. “Sinto que Brasília tem uma luz tão intensa que ilumina o que estou pensando”, ilustra. Sem contar o amplo horizonte. Não por acaso, o céu costuma ter papel de destaque nos filmes brasileiros. Ora mais discreto que o habitual, ora grandioso. Lá está ele, exibido para quem aciona a câmera.